AbeÁfrica: revista da associação brasileira de estudos africanos
v. 11, n. 11, 2025

Apresentação do Dossiê

50 anos de independência: Desafio e possibilidades em Angola e Moçambique

Fernanda Gallo[1]
Chapane Mutiua[2]
Israel Campos[3]

Angola e Moçambique atravessam, atualmente, um intenso processo de revisão crítica acerca dos rumos da nação em diferentes âmbitos. Em sintonia com esse cenário, grande parte dos textos reunidos neste dossiê — organizados em cinco eixos temáticos — reflete a preocupação em analisar o presente a partir do crescente questionamento que atravessa as respectivas sociedades, especialmente entre a juventude angolana e moçambicana. Assim, acreditamos que este dossiê constitui uma contribuição significativa para o debate sobre o período pós-independência, marcado por continuidades e rupturas que impactam, de forma decisiva, o cotidiano de ambas sociedades. Deste modo, as questões centrais relacionadas a acontecimentos recentes — em especial as manifestações pós-eleitorais que vitimaram centenas de pessoas em Moçambique em 2024 e 2025 — estão reunidas em um primeiro conjunto de textos. Esse bloco se inicia com o diário de campo de Gabor Basch, observador eleitoral que ao descrever as cinco últimas eleições no país, nos oferece valiosas pistas para compreendermos os fatores que desencadearam tais manifestações. Na sequência, Miguel Muhale, também a partir de uma perspectiva etnográfica, descreve in loco as mobilizações da juventude na capital após as eleições presidenciais, estabelecendo um diálogo direto com esses elementos e aprofundando a discussão. Ainda sobre o tema,

[1] Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento, Ulisboa.
[2] Universidade Eduardo Mondlane.
[3] Universidade de Leeds.

Márcia Larangeira Jácome e Kátia Taela analisam as manifestações populares por meio do fotojornalismo, ressaltando o papel desempenhado por diferentes profissionais da imprensa. Para encerrar esse primeiro bloco, o texto coletivo de Natália Bueno, Roberta Holanda Maschietto e Borges Nhamirre apresenta um título provocador, em diálogo direto com a obra do artista angolano Gegé M´bakudi — a quem agradecemos pela generosa cessão da imagem —, que ilustra a chamada e a capa deste dossiê: A luta continua? A interrogação mobiliza reflexões críticas sobre os sentidos contemporâneos dessa palavra de ordem, tão emblemática no período pós-independência.

No segundo conjunto, reúnem-se textos que abordam questões contemporâneas no campo artístico. Destaca-se a perspectiva ecocrítica presente na literatura de Pepetela, analisada por Jéssica Falconi; as ruínas pós-soviéticas nas obras de Ondjaki e Kiluanji Kia Henda, discutidas por Adriana Aguiar; e a crise do nacionalismo na ficção angolana, examinada por Marcela Santander. No campo cinematográfico, Marcelo R. S. Ribeiro e Caio Olympio Matos da Rocha investigam o cinema em Moçambique, enquanto Paula Bastos reflete sobre o cinema em Angola, ampliando o escopo dessa reflexão. A esse conjunto somam-se ainda o texto de Sara Morais e Daniel Benigna Lopes, que explora a arte muralista e a Timbila moçambicana na contemporaneidade, e o de Janne Rantala e Francisco Carlos Guerra de Mendonça Júnior, que rediscute o imaginário nacional moçambicano ao enfocar o rap produzido "em outras províncias", como Beira e Chimoio. Por fim, Yuri Manuel Francisco Agostinho analisa a invenção de um grupo étnico angolano e suas dinâmicas culturais atuais. Esse conjunto evidencia o potencial das diferentes linguagens artísticas em dialogar com as transformações e os anseios das sociedades, bem como em propor novos imaginários críticos e criativos no contexto angolano e moçambicano contemporâneo.

O terceiro conjunto de textos concentra-se em desafios econômicos, ambientais e sociais que de tão urgentes tornam-se inadiáveis. Nesse eixo, Tomás de Azevedo Júlio analisa a crise climática no contexto moçambicano, enquanto Amílcar Sawindo Sanjimbi problematiza os critérios de aferição da pobreza em Angola. Ambos

os trabalhos apresentam relevantes dados quantitativos, capazes de enriquecer, de forma situada, as análises no campo dos estudos africanos. Em seguida, José Malaire Jeque oferece um amplo panorama econômico de Moçambique nos últimos 50 anos, que serve de base para os artigos subsequentes. Entre eles, destaca-se o de Hélio Bento Maúngue, que examina os desafios enfrentados pela pequena produção no Corredor de Nacala, e o de Caio Fabiano Lopes do Valle Souza, que reflete sobre a produção de frango em Moçambique, ressaltando como a dependência estrutural criada nesse setor tem modificado hábitos alimentares locais e aprofundado vulnerabilidades econômicas. Encerrando esse bloco, Alex Artur propõe caminhos para a reconciliação nacional moçambicana. Conjuntamente, esses textos não apenas problematizam entraves estruturais que persistem desde o período colonial, como também apontam para possibilidades de transformação social e institucional nos dois países.

O quarto conjunto de textos reúne dois artigos voltados à questão de gênero e uma reflexão sobre a educação no período colonial. No primeiro, Veronika Leyes Decker, Vera Gasparetto e Joana Maria Pedro realizam um exercício comparativo sobre os percursos pós-independência em Angola e Moçambique. Em seguida, Dayane Augusta Santos da Silva concentra-se na memória e na participação das mulheres na Luta Armada de Libertação de Angola, preenchendo uma significativa lacuna neste campo de estudos. Ainda nesse bloco, Giselda Brito Silva e Rodrigo Castro Rezende analisam como a educação foi instrumentalizada pela administração portuguesa como estratégia de cooptação da população e de enfrentamento ao movimento nacionalista. Conjuntamente, esses textos ampliam a compreensão sobre a centralidade das relações de gênero e das políticas coloniais na conformação histórica das sociedades angolana e moçambicana.

O quinto, e último, conjunto de textos dedica-se ao debate crítico sobre o projeto de construção da nação em Moçambique. Arnaldo Caliche examina a ideologia do "homem novo", incorporada por Samora Machel, enquanto Iceu Carlos Sitoe reflete sobre as aldeias comunais como parte integrante do projeto nacionalista. Ambos dialogam diretamente com o texto que encerra este dossiê: a resenha da obra do

historiador moçambicano Benedito Machava, "The Morality of Revolution: Reeducation Camps and the Politics of Punishment in Socialist Mozambique, 1968–1990" publicada originalmente em 2025. Como ressalta seu resenhista, José de Regina, trata-se de um livro que traduz o espírito que buscamos contemplar neste dossiê: uma ética de pesquisa comprometida com as urgências do presente.

Cinquenta anos após o fim do colonialismo, torna-se oportuno refletir não apenas sobre as heranças estruturais que persistem, mas, sobretudo, sobre as ações empreendidas pelos Estados no pós-independência — atravessadas por silenciamentos e exclusões — que marcaram as últimas décadas em Angola e Moçambique. São precisamente essas questões que grande parte dos 24 textos aqui reunidos procurou discutir de maneira interdisciplinar, crítica, analítica e plural.

Por fim, gostaríamos de expressar nosso agradecimento à revista Abe-África pelo convite, em especial à Carolina Bezerra, responsável pela concretização deste trabalho, realizado a seis mãos e a partir de três diferentes territórios: Fernanda Gallo, do Brasil; Chapane Mutiua, de Moçambique; e Israel Campos, de Angola. Agradecemos também o envio expressivo de contribuições para o dossiê e, igualmente, ao amplo grupo de pareceristas que, mesmo diante de múltiplos compromissos, dedicou seu tempo e atenção para avaliar com rigor e consistência os textos que compõem esta edição. Momentos como este evidenciam a importância das redes de colaboração e o comprometimento coletivo com o fortalecimento da área de estudos africanos.

Este dossiê foi preparado com dedicação e seriedade, e esperamos que sua leitura estimule reflexões frutíferas, capazes de aproximar de forma crítica e situada os estudos produzidos sobre e a partir de Angola, Brasil e Moçambique.

A Luta continua (?)

Boas Leituras!